

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA: VIOLÊNCIA E AFETO DENTRO E FORA DA ESCOLA

Bruna Capella Papacena (UNISUAM)
bruna.capella@gmail.com

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena
(Fernando Pessoa)

INTRODUÇÃO

O artista Ziraldo Alves Pinto nasceu no dia vinte e quatro de outubro de mil novecentos e trinta e seis, em Caratinga, Minas Gerais, onde morou durante sua infância e adolescência.

Aos vinte e cinco anos de idade, o jovem se formou em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E, nesta data, mudou-se para a cidade maravilhosa, o Rio.

Sua carreira profissional iniciou-se, em cinquenta e quatro, no Jornal *A Folha de Minas* com o cargo de humorista. Alguns anos depois, passou a colaborar ainda com *O Jornal do Brasil*, informativo que publica, até hoje, suas tiras humorísticas diariamente.

Durante esta época, Ziraldo se consagrou como um importante artista gráfico, pois além de todas as publicações feitas, realizou também inúmeros cartazes para filmes do cinema brasileiro. No entanto, devido à grande diversidade de suas obras, não ficou apenas conhecido por esta arte. O que se percebe é um artista com múltiplas facetas; em outras palavras, trata-se de um profissional completo, que desempenha muito bem as funções de pintor, cartazista, caricaturista, jornalista, teatrólogo, chargista e escritor.

Na década de sessenta, tornou-se um autor de “comics” e lançou sua primeira revista na qual reuniu personagens da nossa cultura, entre eles, o Saci Pererê e animais do universo folclórico como a onça, o tatu e a coruja.

Contudo, no ano de sessenta e quatro, o Brasil sofreu o Golpe Militar, ou seja, estes assumiram o poder brasileiro e colocaram em prática a repressão aos intelectuais e a restrição à imprensa. Durante

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

este período, Ziraldo chegou a ser preso, pois era considerado perigoso ao governo daqueles. Mas, logo foi solto.

Mesmo mediante toda pressão da época, houve bons momentos. Em mil novecentos e sessenta e nove, o escritor ganhou o Oscar Internacional do Humor e o Merghantealler, o prêmio máximo da imprensa livre da América Latina. Além disto, foi convidado a desenhar o cartaz anual da UNICEF e publicou o seu primeiro livro infantil – *FRICTS*, já que se dedicar à literatura infanto-juvenil era um antigo sonho seu. Um ano depois, nasceu o *Menino Maluquinho*, um livro cujo símbolo é a criança nacional.

Neste momento, vale mencionar os anos de dois mil e três e quatro. No primeiro, ele recebeu um prêmio da Academia Brasileira de Letras na categoria literatura infantil. E, no segundo, o mesmo ganhou outra premiação, o Hans Christian Andersen. Portanto, há a comprovação de quão magnífico é o seu lado profissional na qualidade de escritor.

Atualmente, sabemos de várias produções literárias escritas por ele e destinadas ao público infantil, como é o caso do *Menino Maluquinho*. Temos conhecimento ainda que muitas destas obras já foram traduzidas em diversas línguas, entre elas, o espanhol, o inglês e o alemão.

Na obra *Uma professora muito maluquinha*, o autor não se afasta de um objetivo enquanto profissional da escrita – o incentivo à leitura -, por isso, coloca como grande mediadora, no espaço escolar, a figura de uma professora conhecida, em sua cidade, como Maluquinha, denominação que reflete muito bem tais questões presentes dentro e fora de escola – a violência e o afeto. Este visto no sufixo – *inha* aparentando a intenção de afetividade, aquela existente entre a docente e seus alunos, por exemplo; enquanto isto, a primeira, isto é, a violência se dá por causa do adjetivo caracterizador do diferente – Maluquinha. Em outras palavras, tem-se uma protagonista representante da diferença seja no âmbito profissional, seja no pessoal, pois suas ações sempre se diferem e chamam a atenção numa sociedade tão “moldada”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

1. A obra: uma professora muito maluquinha

A fim de falarmos sobre esta produção literária, primeiramente, devemos fornecer alguns dados relativos à mesma. Assim, trata-se de um livro pertencente à literatura infanto-juvenil brasileira escrito pelo autor cuja biografia foi, anteriormente, comentada – Ziraldo. Foi lançado pela Editora Melhoramentos no ano de mil novecentos e noventa e cinco.

Em relação à história, tem-se como protagonista uma professora denominada, durante toda a narrativa, como “maluquinha”, cujo objetivo é o de ensinar a seus pupilos lições sobre a vida e difundir a prática da leitura. Ela representa o afeto, pois busca alcançar o simples modo de viver e encontrar a felicidade. Vale reforçar, aqui, que seu nome não é citado em nenhuma passagem, já que essa professora é a representação metafórica de algumas discentes do Brasil, isto é, profissionais com o dom de ensinar e repartir experiências vividas - estes, usualmente, são prejudgados e menosprezados ao olhar dos tradicionais, sendo assim tratados como “maluquinhos”.

Há também seus alunos, representados na obra pelos quatro mosqueteiros e a “chefa” deles – Athos, Porthos, Aramis, Dartagnan e Ana Maria Barcellos Pereira. Estes desempenham a função de narradores da história, porque todos os fatos são contados por eles já adultos. Segundo o grupo, logo no início da narração, “ela era uma professora inimigável” (PINTO, 1995, p. 11), visto que:

...entrava voando pela janela (como um anjo) e tinha estrelas no lugar do olhar. Tinha voz e jeito de sereia e vento o tempo todo nos cabelos (na nossa imaginação). Seu riso era solto como um passarinho. (PINTO, 1995, p. 6-10).

Em outras palavras, todas estas características colocadas pelos narradores refletem a admiração deles pela tão querida discente: “Para os meninos ela era uma artista de cinema. Para as meninas, a Fada Madrinha”. (PINTO, 1995, p. 12-13). Ela é, para suas crianças, um exemplo a ser seguido.

Como personagens secundários, pode-se citar os pais dos alunos, o Padre Velho – tio da professorinha -, o Padrecó, o boêmio, o funcionário de Banco do Brasil, as beatas e as solteironas – as fofoqueiras -, as professoras e a diretora da escola, o professor de geografia, o dono do cinema. A partir destas figuras, é possível apresentar-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mos o cenário da história, uma cidadezinha do interior do Brasil uma vez que focaliza personagens típicas de região interiorana.

Tudo começou no início do ano letivo. A professorinha conquistou seus discentes através dos jogos feitos em sala os quais incentivavam, principalmente, a leitura. Para ilustrar isto, no primeiro dia de aula, ela pediu que cada um deles escrevesse o nome de um colega em um papel; como eram alunos recém-saídos da classe de alfabetização, atual primeiro ano do Ensino Fundamental, ela embaralhou estes nomes e ordenou que todos os colocassem em ordem alfabética. Desta forma, ocorreu a primeira chamada na nova série.

Seus estudantes incomodavam toda a escola, pois demonstravam muita felicidade a cada aula. Percebe-se o imenso carinho que os alunos dispensavam àquela que, para eles, representava a sabedoria e a pureza em forma de educadora. Eles consideravam-na “a coisa mais maravilhosa da cidade, isto é, do mundo” (PINTO, 1995, p. 17). Mais do que lições do conteúdo programático, a professora ensinava a viver em sociedade, a respeitar uns aos outros e, sobretudo, a ser feliz. Contudo, para uma pacata cidadezinha do interior, isto escandalizava a instituição escolar ainda, fortemente, atrelada à Igreja Católica.

Acontece que o Padreco era o professor de catecismo do grupo escolar e havia proibido a leitura de histórias em quadrinhos. Segundo o Padreco, gibí era pecado. Ele não dava sossego pra nossa professorinha. Vivia dizendo que ela era muito liberal, uma anarquista muito da maluquinha. (PINTO, 1995, p. 46-47).

Os pais de seus alunos também não aceitaram sua proposta de ensino já que a professora não utilizava livros e cadernos durante as aulas e não mandava deveres para serem feitos em casa. A partir do dia em que os responsáveis reclamaram desse comportamento, ela passou a inventar uns trabalhos muito “maluquinhos” nos quais para cuja realização as crianças, certamente, teriam de contar com a ajuda familiar provocando, desta forma, o fortalecimento da família. Mas nada disso foi entendido por tais responsáveis. Vale mencionar, aqui, quão difícil é, ainda nos dias atuais, a conscientização dos pais em relação aos materiais escolares e às tarefas domiciliares. Ainda escutamos que “o bom professor é aquele que passa muito dever de casa”. Observa-se novamente a questão moral no trato do papel do educador, sendo então mais uma forma de violência.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O ano letivo passou e os exames finais chegaram. Mesmo com a declaração da Maluquinha de que seus alunos não precisariam enfrentar tais provas, eles foram submetidos às avaliações. O resultado disto foi péssimo. Nota-se a violência moral sobre a professora, já que sua palavra não havia sido considerada, e logo num ambiente onde respeito e educação deveriam ser levados tão a sério, tão “ao pé da letra”. Se uma educadora não tem voz dentro da instituição em que trabalha, como contribuirá na formação de cidadãos?

No ano seguinte, outra professora assumiu a classe. Contudo, esta era rígida e seguidora fiel da postura exigida à época. No primeiro dia de aula, todas as crianças ficaram depois do horário da saída, porque estavam de castigo. O motivo foi um aluno estar lendo um livro de histórias, sem o consentimento dela, durante a aula. Assim o castigo passou a fazer parte daquela sala de aula. Desta maneira, percebe-se o quanto esta profissional tenta monopolizar as fontes cujo objetivo é o alargamento da visão de mundo. Segundo sua ideologia, o importante é a criança ler somente as indicações feitas por ela, limitando a prática da leitura a uma obrigação.

Completamente contrária a esta postura, e, sobretudo carregada de enorme amor por sua profissão e por seus alunos, a professora Maluquinha continuou o exercício de sua profissão, porém não no espaço escolar e, sim, debaixo de uma árvore em seu quintal. Na verdade, houve um prolongamento do trabalho realizado por ela no ano anterior. Ela deu continuidade ao estímulo pelo hábito e pelo gosto da leitura – primeiramente, as crianças foram incentivadas a ler gibis e livros de histórias; depois, elas passaram para os romances, ou seja, literatura. O importante é observar que as produções não eram impostas aos pequenos estudantes. A mestra levava para a sala de aula muitas fontes de textos de diferentes gêneros e eles escolhiam as obras de acordo com a sua preferência. Respeito, carinho e atenção eram virtudes da “Professora Maluquinha”.

Os encontros com a docente, entretanto, não duraram para sempre. Certo dia, ela resolveu ir embora da cidadezinha com seu grande amor, o boêmio. Até mesmo neste momento, ela se lembrou de seus pupilos, reforçando-lhes um antigo ensinamento: a busca da felicidade. Assim, a narrativa acerca da Maluquinha terminou.

2. Violência e afeto dentro e fora da escola

Desde há muito tempo, observa-se a existência de certa dificuldade nas relações interpessoais. Há indivíduos, contudo, que tentam vivenciar o outro lado, ou seja, permitem que o afeto “aqueça”, pelo menos minimamente, tais relações, diminuindo o impacto entre elas. *Uma Professora Muito Maluquinha*, escrita por Ziraldo, reflete muito bem tais questões presentes dentro e fora de escola – violência e afeto.

Segundo o Dicionário Aurélio, violência, palavra originada do latim, *violentia-ae*, quer dizer a qualidade de violento, ato violento, ato de violentar. Já o Dicionário Eletrônico Houaiss informa que a mesma palavra possui os seguintes significados: ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo), ou ainda, intimidação moral. Seguindo um viés mais amplo, a Organização Mundial de Saúde esclarece o seguinte:

...uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação... (DAHLBERG; KRUG, 2007, p. 1165)

Ainda de acordo com o Dicionário Aurélio, afeto quer dizer afeição, amizade, amor. Complementando essa linha de raciocínio, a afetividade compõe-se de um conjunto de sensações que estão ligadas as

...emoções, os sentimentos e as paixões, procurando, como é óbvio, a descrição dos respectivos estados de consciência. Assim, as emoções são fenômenos afetivos internos que surgem geralmente de forma brusca e que também rapidamente se desvanecem. Os sentimentos são fenômenos afetivos estáveis que resultam, em regra da intelectualização das emoções. (RODRIGUES *et alii*, 1989, p. 15)

Durante as aulas da Professora Maluquinha, a violência dentro de classe não tinha vez já que “com ela não tinha castigo. Tinha julgamento. Se um lá fizesse alguma coisa que parecesse errada, ela convocava o júri. Um aluno para a acusação, outro para a defesa.” (PINTO, 1995, p. 39). E assim se estabelecia o diálogo e o respeito; conseqüentemente, contribuía-se na formação de cidadãos. Tal respeito era bem conhecido pela professora, pois seu tio, o Padre Velho, a admirava e “tinha a maior paciência com a sua maluquinha querida” (PINTO, 1995, p. 47). Ela mesma fora educada dentro de princí-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

pios e cercada de muito carinho. Por isso, o seu afeto para com as pessoas que a cercavam.

Aquele ano letivo terminou. No seguinte, a turma teve uma surpresa: “uma doce senhora de olhos severos e com a voz de quem comandava um pelotão” (PINTO, 1995, p. 98), ocupava a mesa que outrora havia sido da “Maluquinha”. A partir de então, o castigo passou a frequentar aquela sala de aula e é, claramente, abordado como ponto negativo do tradicionalismo quando a nova discente demonstrou ficar muito aborrecida com a velocidade dos alunos ao cumprir a punição, reflexo da violência presente no espaço escolar. Os alunos já não eram mais tratados com a delicadeza e o carinho da professora anterior.

Mesmo assim, a querida mestre continuou seu trabalho no quintal de sua casa. Ela deu bolsas de estudo para quem não podia pagá-la; deu também lanches e muita alegria e felicidade a todas aquelas crianças. Para estas, estudar e ler, com a ajuda da mestra Maluquinha, era uma fonte de conhecimento e prazer.

Eis que o amor, na vida real, chega para todos e não seria diferente com aquela professorinha. Este sentimento veio através das canções em forma de assobio. “O melhor momento do curso era quando, do outro lado do muro, o dia já amanhecendo de todo, a gente ouvia o assobio do boêmio voltando da noite.” (PINTO, 1995, p. 103).

Com o passar do tempo, o amor foi crescendo. Um belo dia, os jovens resolveram fugir juntos. Para uma pacata cidade do interior, foi um escândalo, “um prato cheio”. As beatas e as fofoqueiras teciam todo tipo de comentários, bem maldosos, destilando seus venenos violentos e imorais sobre o casal apaixonado.

Infelizmente, nem a classe nem a professorinha viveram só de harmonia e afetos. Podemos perceber, acima, que a violência não se fez ausente, nesta narrativa, do começo ao fim. No início, temos, como exemplo, a diretora que, ouvindo barulhos vindos da sala de aula mais animada daquela escola, interrompia, dizendo: “Vocês estão prejudicando as outras classes” (PINTO, 1995, p. 32). Acontece que ela desprezava a alegria da criança toda as manhãs, aguardando a sineta tocar anunciando a aula.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

De uma maneira bem divertida e didática, Ziraldo vai contando suas histórias, expondo temas sociais, como a violência e o afeto, bem como o método usado em sala de aula, e transformando seus pensamentos numa verdadeira arte de ler e escrever, ou seja, enobrecendo a nossa literatura. Sobre essa forma lúdica e mágica de se fazer literatura, Gregorin Filho acrescenta:

Temos a literatura infantil construída por meio de um diálogo constante com a sociedade, refletindo e refratando os seus aspectos ideológicos (políticos, religiosos, etc.), não apenas com uma finalidade didático-pedagógica, mas como arte, isto é, ao mesmo tempo em que traz à tona as discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio de novas e múltiplas linguagens, seja por intermédio de novas formas de suporte para que essa arte seja veiculada. (GREGORIN FILHO, 2007, p. 11)

Neste caso, temos um bom exemplo pertencente ao conjunto de obras da literatura infanto-juvenil, que é extremamente necessária na escola como abordaremos a seguir.

3. A literatura infanto-juvenil na escola

As narrativas destinadas ao público infantil ou juvenil não são histórias menores, em linguagem tatibitate, feitas para quem ainda não está preparado para apreciar literatura, como circula no senso comum. Elas fazem parte de um universo sem limites, onde qualquer criança pode viver situações mágicas, ser o que mais deseja e falar de qualquer coisa de maneira aberta e franca. (*Nós da Escola*, n. 46, p. 26).

Ao falar em literatura infanto-juvenil, temos em mente que se trata de arte literária destinada a crianças e jovens. Contudo, isto não é sinônimo de aversão adulta. Ainda hoje, encontramos muitos adultos apaixonados por personagens infantis e suas histórias repletas de fantasia. Assim, visualizamos quão importantes foram estas narrativas na vida de cada uma das pessoas.

Segundo Zilberman, uma grande estudiosa da área, no Brasil, “os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII.” (ZILBERMAN, 2003, p. 15). Se analisarmos o contexto histórico deste momento, ficará claro o surgimento da literatura infanto-juvenil juntamente à ascensão da classe burguesa, uma literatura preocupada, inicialmente, em moldar o seu leitor de acordo como o padrão imposto pela sociedade. “Fica evi-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

denciada a estreita ligação da literatura infantil com a pedagogia, quando vemos, em toda a Europa, a importância que assumem os grandes educadores da época, na criação de uma literatura para crianças e jovens. Suas intenções eram fundamentalmente formativas e informativas, até enciclopédicas.” (CUNHA, 2006, p. 23). É, sim, uma arte destinada às crianças e aos jovens.

Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...). (COELHO, 2000, p. 27-28).

Hoje, temos consciência de que esta função não deveria ser atribuída à literatura. A autora de livros infantis e juvenis e doutora pela Universidade de São Paulo – USP, Ieda de Oliveira afirma, em uma publicação feita pela revista abaixo citada, que:

Literatura é um produto artístico e não de ensino. Ensinar é *in + signare*, marca de fora para dentro a mente da criança, ao passo que educar é *ex + ducare*, tira de dentro para fora, faz o outro perceber o que está no entorno, ajuda-o a ter conhecimento. Educar é função de qualquer manifestação artística. (*Nós da Escola*, n. 46, p. 27).

A literatura, portanto, educa, trazendo conhecimentos sobre o mundo. Ela, também, pode entreter, isto é, levá-lo a ter um estado de satisfação pelo divertimento proposto pela obra literária.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e a sua possível/impossível realização... (COELHO, 2000, p. 27)

Mesmo após muitos anos, vemos que a literatura infanto-juvenil, ainda, sofre diversos preconceitos. Ela é alvo de críticas, pois alguns estudiosos lhe atribuem um valor menor resultante da faixa etária de seu público e da sua história ao longo do tempo. Segundo esta avaliação, seu principal valor é o da lição de moral advinda de suas produções.

Sabemos, no entanto, o quanto pode ser magnífico um trabalho feito com este gênero de produção textual nas escolas brasileiras. É possível mostrar ao nosso aluno quão prazeroso pode ser a sua lei-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

tura. A partir disto, a imaginação será usada no espaço escolar e a criatividade desenvolvida por intermédio da arte presente nas obras.

Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, uma espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola... (LAJOLO, 2008, introdução)

4. Conclusão

É notável que a professora Maluquinha e sua turma foram alvo de dois tipos de violência respectivamente: ela, moral e eles, psicológica. Entretanto, se há agressão, existe também o amor e o carinho, isto é, a afetividade. Este sentimento foi o grande marco, ou melhor, o elemento essencial do pacto formado entre a docente e suas crianças. É através desta espécie de “contrato” entre as partes envolvidas – os alunos e a mestre – que ela se torna uma professora inesquecível.

Achamos graça na descoberta e concordamos com nossa professora e com o Tom Jobim: “É impossível ser feliz sozinho”. Estamos aqui preparados para a festa de aniversário de uma bisavó muito feliz que a Ana Maria descobriu e reencontrou depois de buscá-la, sem parar, pelo mundo. Mas não estamos muito certos se queremos rever nossa Professora Maluquinha. Sua presença em nossa memória, ao longo das nossas vidas, ajudou-nos a construir nossa própria felicidade. (PINTO, 1995, p. 113)

Ao finalizarmos, faz-se necessário enfatizar que esses substantivos abstrato – violência e afeto – pulam das páginas dos jornais, revistas e livros e adentram a nossa sociedade, atravessando a narrativa em questão e chegando a muitos educadores e educandos da vida real. A literatura trata, ou seja, discute, através da arte, temas ocorridos no cotidiano. Portanto, é extremamente necessária a literatura na sala de aula. E, mais: é necessário, acima de tudo, afeto, isto é, amor pelo que se faz. E isto é para nós, professores!

A felicidade é como a gota
De orvalho numa pétala de flor
Brilha tranquila
Depois de leve oscila
E cai como uma lágrima de amor

(Tom Jobim)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

REFERÊNCIAS

A *história de Ziraldo*. Disponível em: <<http://www.ziraldo.com>>. Acesso em: mar. 2007.

BUENO, Francisco da Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1995.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 2006.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 11 (Sup). Rio de Janeiro, 2007, p. 1163-1178. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csc/v11s0/a07v11s0.pdf>>. Acesso em 23 ago. 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2008.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. Literatura Infantil-Juvenil: Diálogos com a sociedade. In: III Congresso de Letras da UERJ-SG, 2006. Rio de Janeiro: *Anais do III CLUERJ-SG*. São Gonçalo: Boteelho, 2006.

HOUAISS, Antônio (Ed.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. São Paulo: Atlas, 2008.

NÓS DA ESCOLA. *A magia das histórias infantis*. Rio de Janeiro: Multirio, n. 46, 2007.

PAPACENA, Bruna Capella. *Educador: ser ou não maluquinho na escola? – uma visão ziraldiana*. Trabalho de Conclusão de Curso a-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

presentado à Faculdade de Letras - UNISUAM. Rio de Janeiro, 2007.

PINTO, Ziraldo Alves. Hora de encarar as feras. *Jornal do Brasil*, Caderno Z, p. Z4. Rio de Janeiro, 8 abr. 2007.

_____. *Uma professora muito maluquinha*. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

Ziraldo. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/ziraldo>>. Acesso em: mar. 2007.